

Ateísmo moderno: considerações sobre o crescimento do pensamento ateísta na sociedade atual

ÉRICO TADEU XAVIER¹
MARCELO FERREIRA CARDOSO²

Resumo: O ateísmo tem crescido nas últimas décadas pela militância de filósofos e estudiosos da ciência que apregoam um novo ateísmo. O objetivo deste estudo é refletir sobre a nova fase do ateísmo na sociedade atual e seus principais divulgadores buscando reconhecer a expansão desse fenômeno e sua influência no contexto religioso. Por meio da pesquisa bibliográfica, observa-se que o neoateísmo se apresenta com as mesmas ideias do ateísmo, mas com uma nova visão dos conceitos e pensamentos, tornando mais acessível a divulgação do movimento ateísta. Os representantes do neoateísmo combatem a ideia de Deus ou deuses e a crença no sobrenatural, atacando especialmente o fundamentalismo religioso e a influência religiosa na política e na sociedade, enfatizando a evidência científica em detrimento da fé na divindade. O ateísmo tem se propagado com maior facilidade hoje em dia, sobretudo por buscar respostas aos questionamentos humanos na razão e na ciência, mas atraindo também outras pessoas pelo uso de novos argumentos que aceitam no movimento ateísta, a fé e a espiritualidade. Conclui-se que os neoateístas têm propagado a mensagem ateísta sob nova roupagem com o intuito de atrair mais pessoas ao movimento, promovendo o afastamento da religião e da crença em Deus em prol do materialismo e conseqüente secularismo.

Palavras-chave: ateísmo; crescimento; divulgadores; influência.

Modern atheism: considerations about the growth of atheist thinking in today's society

Abstract: Atheism has grown in recent decades by the militancy of philosophers and scholars of science who proclaim a new atheism. The aim of this study is to reflect on the new phase of

.....

¹ Doutor em Teologia e professor no Seminário Latino-Americano de Teologia do Instituto Adventista Paranaense (IAP), Ivatuba, PR. E-mail: etxacademico@gmail.com

² Mestre em Ciências das Religiões e professor no Seminário Latino-Americano de Teologia do Instituto Adventista Paranaense (IAP), Ivatuba, PR. E-mail: marcelo.cardoso@gmail.com

atheism in today's society and its main disseminators, seeking to recognize the expansion of this phenomenon and its influence in the religious context. Through bibliographic research it is observed that neo-theism presents itself with the same ideas as atheism, but with a new vision of concepts and thoughts, making the dissemination of the atheist movement more accessible. The representatives of neo-theism fight against the idea of God or gods and the belief in the supernatural, especially attacking religious fundamentalism and religious influence in politics and society, emphasizing scientific evidence to the detriment of faith in divinity. Atheism has spread more easily today, mainly because it seeks answers to human questions in reason and science, but it also attracts other people through the use of new arguments that accept faith and spirituality in the atheist movement. It is concluded that the neo-theists have propagated the atheistic message under a new guise in order to attract more people to the movement promoting the removal of religion and belief in God in favor of materialism and consequent secularism.

Keywords: atheism; growth; disseminators; influence.

De acordo com o Pew Research Center, renomado instituto de pesquisas e informações estadunidense, que estuda tendências e atitudes sociais que impactam áreas como política, economia, sociologia e religião no mundo, “pessoas que se declaram como ateias ou agnósticas têm aumentado nas últimas décadas, em especial a partir de meados do século XX” (PEW, 2019), sugerindo a relevância de se analisar o fenômeno do ateísmo, em face à sua influência nas sociedades e nas percepções religiosas.

Segundo Franco (2014, p. 59), o neoateísmo tem se propagado com maior velocidade desde o fim do século passado, em virtude das facilidades propiciadas pela internet que tornaram os conceitos e pensamentos ateístas mais acessíveis às pessoas comuns, deixando os círculos filosóficos e científicos para alcançar todos os espaços sociais, inclusive os religiosos.

O discurso ateu é analisado neste estudo com o objetivo de refletir sobre a nova fase do ateísmo e os principais divulgadores do movimento neoateu na sociedade atual. Mediante a pesquisa bibliográfica, busca-se reconhecer a expansão desse fenômeno e sua influência no contexto religioso.

Caracterização e crescimento do ateísmo no mundo

Com vistas a caracterizar o ateísmo, convém diferenciar as principais formas de pensamentos relativas à existência de Deus, embora de forma breve, baseadas no que Cardoso e Calixto (2018, p. 149) explicam, destacando quatro delas: teísmo, deísmo, panteísmo e ateísmo, além do agnosticismo, que mescla o teísmo com o ateísmo.

O teuista crê em Deus como criador do universo, e não parte deste. Derivam do teísmo religiões como cristianismo, judaísmo e islamismo. O deísta acredita que o universo não foi criado de forma aleatória, mas por uma inteligência superior (Deus ou um organizador), mas o deixou por conta própria, não influenciando o destino do mundo ou de seus habitantes. O panteísta crê num deus impessoal, parte do universo, ou seja, toda a estrutura do universo é o próprio Deus. As principais religiões panteístas são as religiões orientais como budismo, hinduísmo, e as que fazem parte do fenômeno da nova era. O ateu se encontra no grupo de pessoas que não acreditam em Deus ou que o universo sempre existiu, mas não tem um criador específico. Sua “fé”, por assim

dizer, está no que se pode provar cientificamente. O agnóstico apresenta uma mistura de crença teísta e ateu, crendo na possibilidade de Deus existir, mas não podendo provar sua existência, ou simplesmente não acredita que exista uma divindade.

Essa diferenciação é importante porque, no contexto moderno, o conceito do ateísmo abrange mais do que sua etimologia; abarca uma certa complexidade que, conforme destaca Dawkins (*apud* CARDOSO; CALIXTO, 2018, p. 150), “não é só uma representação da negação categórica da existência de divindades e entidades sobrenaturais, ou seja, da existência ou presença de Deus ou deuses no universo”. De acordo com Piva (2007, p. 30):

Podemos dizer [...] que o ateísmo é uma elaboração teórica, um conceito, uma tese metafísica, uma hipótese cosmológica, uma conjectura ontológica ou simplesmente uma doutrina; é possível afirmar também, de modo geral, que o ateísmo é uma corrente de pensamento, um dogma ou até mesmo uma crença, mas de forma alguma o ateísmo consiste em uma religião ou – o que é pior – em outra espécie de “teologia”.

O ateísmo é um fenômeno que remonta à própria existência humana, embora no contexto histórico se apresente como uma ideia contrária à crença em um ser ou seres merecedores de adoração religiosa. A menção a pessoas que afirmavam não ter uma religião é percebida na história humana, sendo que, os primeiros a se designarem ateus registrados pela história foram Epicuro e Lucrécio, personagens da antiguidade grega pagã que influenciaram a crença em um Deus distante, sendo estes considerados ateus por esse distanciamento, cujos pensamentos atuaram, inclusive, no pensamento religioso judeu-cristão (LECOMPTE, 2000).

Considerando o ateísmo como negação da existência de Deus ou de Seu distanciamento, a presença de ateus é destacada tanto na história secular como na Bíblia, por exemplo, em Provérbios 53:1 e em Romanos 1:21, o que demonstra que, ao tempo dos escritores do Antigo e do Novo Testamento haviam pessoas que questionavam ou não criam em Deus, preferindo acreditar em fatos do acaso ou naturais.

Embora a descrença na existência de Deus seja percebida no mundo em todas as épocas, o ateísmo se tornou mais evidente a partir do nascimento do iluminismo, movimento que contribuiu para a elevação da ciência e conseqüente enfraquecimento da religião. O teólogo André Torres Queiruga (*apud* CONCEIÇÃO, 2010, p. 17) afirma que “o ateísmo propriamente dito é algo que começa com o Iluminismo. Somente a partir daí é que começa a haver pessoas que, raciocinando por princípio, apoiam suas vidas sobre a negação de Deus”.

Cardoso e Calixto (2018, p. 152) comentam que, com o advento da *revolução francesa* no final do século 18, a religião começou a ser questionada com maior rigor pelo fato de não poder, segundo os pensadores iluministas da época, ser comprovada pela razão. Dessa suposição surgiram diversos nomes, entre eles, Voltaire, Charles Darwin, Karl Marx, Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud, Isaac Asimov, Simone Weil, que se diziam ateus ou agnósticos teístas. Desse modo, a partir do século 18, o ateísmo filosófico ganhou um novo destaque, em especial na França, onde os materialistas franceses contribuíram para expor o pensamento ateu ao mundo. Portugal e Costa (2010, p. 128) destacam esse crescimento e as características assumidas pelo ateísmo:

Aproveitando o sucesso das ciências naturais na explicação e domínio do mundo, e exprimindo em termos mais rigorosos a insatisfação política com o regime absolutista e seu apoio nas instituições

religiosas, o ateísmo manifesta, a partir de então, uma proposta de pura e simples rejeição da religião e da crença num poder transcendente, com base em duas ordens distintas, embora complementares, de argumento. De um lado, argumenta-se contra a crença em Deus por estar além da possibilidade de investigação empírica, sendo, portanto, irracional segundo uma visão científica de mundo. Por outro lado, argumenta-se contra a religião por ser ela fonte de intolerância e um tradicional apoio aos poderes autoritários constituídos ao longo da história humana (PORTUGAL; COSTA, 2010, p. 128).

Apesar do avanço do ateísmo nesse período e, embora o pensamento ateu fosse manifesto publicamente e por meio de obras literárias, havia ainda preocupação em contrapor-se à religião de modo direto, o que levava os pensadores ateístas a “expressar seus pensamentos e convicções com grande cautela, ou confiná-los tanto quanto possível somente a um círculo de apoiantes cultos” (CARDOSO; CALIXTO, 2018, p. 153).

Assim, a partir do século 19, surgem filosofias materialistas explicitamente anticristãs cuja percepção das religiões era a de que essas não passavam de dogmas e rituais sem sentido; o ateísmo passa a ter uma conotação de movimento social, sendo divulgado com atitudes militantes e visionárias. Militante devido à forma ativa com que esses personagens apresentam o movimento ateu, e visionária em razão da proposta neoteia estar permeada de uma visão, uma idealização de “uma sociedade de paz e prosperidade sem religiões”, conforme destaca Conceição (2010, p. 13).

Essa militância em favor do ateísmo resultou num aumento significativo do número de ateus no mundo, de meados do século 20 até a atualidade. Em 2007 estimava-se que 11% da população mundial se declarava sem religião (749 milhões de pessoas), sendo que, desse percentual, de 3% a 4% eram ateus estritos. Já em 2012, o percentual mundial subiu para 16%, alcançando cerca de 1,1 bilhão de pessoas sem religião, com igual percentual de 3% a 4% de ateus. Nos Estados Unidos, dados de 1990 indicavam que havia 8,2% de ateus. Em 2001, esse percentual subiu para 13,2%; em 2007 o percentual era de 16,1%, representando 49 milhões de pessoas relacionadas com o ateísmo. Esses dados foram disponibilizados no site *Adherents* e citados no Portal do ateísmo (JERBIALDO, 2013).

Conforme Strachicini (2020), estima-se que, no século vigente, 80% das pessoas no mundo, ou cerca de 6 bilhões de pessoas, professam algum tipo de religião (ou de fé). Com base em pesquisa realizada pelo Instituto Gallup, o professor Phil Zuchermann afirma que o número de ateus no mundo cresceu de modo significativo, já que, em 2005, os ateus declarados eram 5% e, em 2011, já representavam 13% da população mundial. A maior concentração de ateus por proporção de habitantes está, segundo esse autor, na Suécia, onde 85% da população se declara não crer em Deus ou não ter nenhuma crença. O estudo ainda indica que pessoas jovens, entre 18 e 34 anos, representam 50% dos descrentes.

O aumento do ateísmo também foi destacado mediante estatística no Brasil pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), como tendo aumentado de 7,3% em 2000 para 8% em 2010, levando em conta que o IBGE avalia em conjunto ateus e outras pessoas no quesito “sem religião”. O *Portal do ateísmo* (JERBIALDO, 2013) indica que, desse percentual de 8%, 4% correspondem a ateus propriamente ditos.

Uma vez que o número de ateus/pessoas sem religião tem aumentado, percebe-se que o movimento do ateísmo tem sofrido uma variação, ou tem passado por uma nova fase, sendo essa chamada de “ateísmo novo” ou “neoteísmo”. O neoteísmo tem sido divulgado por estudiosos

da filosofia ateu por meio de literatura, palestras, discursos, entrevistas e, mais recentemente, pela Internet, que se tornou um meio eficiente de propagar ideias a grandes massas, em especial às pessoas que buscam respostas aos questionamentos humanos por meio da razão, em vez de somente pela fé.

O neoateísmo não traz novas ideias, mas apresenta o ateísmo sob uma nova percepção de antigos conceitos e pensamentos que já existem, mas que não estavam acessíveis às pessoas comuns. Hoje em dia, esses conceitos e pensamentos têm sido apresentados de maneira mais clara e com argumentos que têm atraído pessoas que rejeitavam o ateísmo por não compreenderem sua proposta (GORDON, 2011).

A proposta neoateu é analisada a seguir, considerando os principais expoentes das ideias apregoadas por esse movimento, os quais assumiram uma postura de ação coletiva e organizada, em busca de reconhecimento por parte de outras pessoas e de alteração nas estruturas de relação e poder, atuando sobretudo por meio de ações políticas.

A proposta do novo ateísmo

Com base em suas características, o neoateísmo apresenta-se como um movimento social, sendo a proposta de secularização e laicização do Estado um ponto já pacificado entre os seus divulgadores. Nesse sentido, Franco (2014, p. 59) analisa o neoateísmo como um movimento social inovador que se apresenta com características modernas e agressivas que distinguem o neoateu, sejam elas: “proposta de secularização e laicidade do Estado; uma abordagem mais concentrada do ateísmo no campo científico; a velocidade da internet na propagação e alcance da mensagem; e o combate ao fundamentalismo religioso”.

A tentativa de edificar um mundo sem religiões reinterpreta um consenso antirreligioso de cunho militante, conforme foi analisado pelo teólogo jesuíta João Batista Libânio. O discurso de alguns novos ateus se tornaria bastante próximo àquele propagado pelos revolucionários franceses do século 18. Todavia, esse plano só seria possível numa sociedade emancipada da religião. Sua consolidação, para alguns pensadores, seria a aurora de um novo tempo; para tais, essa mudança representaria a completa secularização do ocidente.

Essa proposta baseia-se na separação da igreja do Estado, tendo em vista o enfraquecimento da religião em qualquer esfera da sociedade; seja na política, na saúde, na educação, entre tantas outras, além de transformar todos os espaços públicos em ambientes secularizados. Tal objetivo se funda na percepção dos ateus de que “as crenças dos cristãos conservadores exercem uma influência extraordinária sobre o discurso público [...] – nossos tribunais, nossas escolas e em todas as esferas do governo” (HARRIS, 2007, p. 14).

Outra teoria divulgada pelo neoateísmo é que a prova de que Deus existe deve ser alcançada pela hipótese científica e não por argumentos filosóficos, ou seja, o ônus da prova cabe a quem quiser provar a existência de algo. Essa premissa é salientada por Dawkins (2006, p. 41), quando afirma que “o fato de que não se pode nem comprovar nem contraprovar a existência de alguma coisa não coloca a existência e a inexistência em pé de igualdade”, devendo aquele que defende a existência de divindades provar suas hipóteses.

A disseminação do ateísmo foi muito simplificada com o surgimento da internet e das ferramentas de comunicação dela advindas, que possibilitam a circulação de informações em cur-

tíssimo espaço de tempo e nos diferentes lugares do mundo por meio de redes virtuais, blogs e sites. Franco (2014) comenta que o neoteísmo se utiliza dessas facilidades produzindo intenso material de divulgação e propaganda da mensagem ateu, sendo muito comum a viralização dos vídeos, com altos números de visualizações em poucos dias.

Dessa maneira, a proposta do ateísmo tem sido divulgada com rapidez repercutindo na formação do pensamento de muitas pessoas. Além do mais, os fatos religiosos radicais, como o ocorrido em 11 de setembro de 2001 em Nova Iorque, que se tornou um elemento propulsor do movimento neoteu, por desencadear entre seus articuladores ataques ao chamado fundamentalismo ou radicalismo religioso, contribuem com a repercussão dessa proposta.

Para os neoteus, como Dawkins (2006), grande parte dos conflitos mundiais observados na ética e na política ocorre em razão de ter, em seu interior, um caráter ideológico, esse, alimentado pela insensatez e intolerância das principais religiões fundamentalistas. Harris (2007) declara que a religião tem boa parte da culpa pela divisão e conflitos do mundo já que, ao invés de unir as pessoas, as divide. Para ele,

A fé interdita o diálogo, faz com que as crenças de uma pessoa se tornem impermeáveis a novos argumentos, novas evidências. A fé até pode ser benigna no nível pessoal. Mas, no plano coletivo, quando se trata de governos capazes de fazer guerras ou desenvolver políticas públicas a fé é um desastre absoluto (HARRIS, 2007, p. 85).

Essa forma de pensar e propor o ateísmo moderno tem em alguns estudiosos da doutrina ateu seus mais veementes expoentes. Dentre eles, destacam-se nesse trabalho as contribuições dos principais nomes do neoteísmo, os quais têm contribuído para a expansão desse movimento no mundo atual.

Principais expoentes do neoteísmo

Dentre os personagens mais influentes do ateísmo moderno se encontram os materialistas franceses Michel Onfray e André Comte-Sponville e os filósofos evolucionistas ingleses Richard Dawkins, Sam Harris, Daniel Dennett e Christopher Hitchens. Esse grupo de pensadores está ligado ao campo das ciências naturais e à filosofia e apresentam em comum a crítica aos objetivos e argumentos usados pelas religiões, entendendo-as como uma expressão cultural, uma tradição.

Autores como Richard Dawkins, Sam Harris, Daniel Dennett e Christopher Hitchens são os personagens mais conhecidos do neoteísmo e fazem parte da denominada escola inglesa do novo ateísmo e são reconhecidos como os *brights*. Esse termo, que significa “brilhante”, “inteligente”, “iluminado”, foi cunhado em 2003 com a intenção de diferenciar um movimento iniciado por Daniel Dennett que pretendia descrever as pessoas que possuem uma visão naturalista livre de elementos místicos e sobrenaturais, evitando conotações negativas antirreligiosas (DENNETT, 2006, p. 31). Tinha o objetivo de identificar os que não creem em Deus ou não professam fé religiosa, mas acabou designando os quatro principais pensadores neoteus da língua inglesa.

Os *brights* representam a principal formação ideológica do movimento neoteuista. O principal referencial utilizado por esses expoentes é o neodarwinismo, cuja base provém da teoria evolucionista de Darwin e as recentes descobertas das ciências biológicas do campo genético, co-

nhecidas como visão neodarwinista. Sua abordagem se faz sob críticas sistemáticas direcionadas à religião (FRANCO, 2014). Já os pensadores franceses Michel Onfray e André Comte-Sponville trazem uma crítica à religião e ao cristianismo, confrontando crenças e dogmas com um elemento diferenciado, isso é, enquanto consideram a religião uma forma de dominação e alienação do homem, percebe-se uma “espiritualidade” presente nos argumentos dos filósofos.

Um esboço da vida e das ideias dos autores é apresentado na sequência, com o fim de demonstrar as novas percepções que o ateísmo moderno apresenta na atualidade, a partir das compreensões dos pensadores em questão.

Os *brighs*

Clinton Richard Dawkins é considerado o integrante mais importante, atuante e proeminente dos *brighs*. Filho de imigrantes ingleses, nasceu em Nairóbi, no Quênia, em 1941. Em 1949 sua família retornou à Inglaterra, onde estudou em uma escola preparatória confessional anglicana, na cidade de Salisbury, tendo os primeiros contatos com a religião oficial inglesa, já que seus pais não professavam uma religião específica. Aos 14 anos foi estudar na *Oundle School*, definindo-se como anglicano praticante. Do segundo ano em diante começou a repensar as dúvidas de infância sobre a religião e o cristianismo e, com 17 anos, experimentou arroubos de militante antirreligioso, recusando-se a se ajoelhar nas cerimônias religiosas realizadas na capela da instituição escolar, juntamente com outros dois amigos.

Ele ainda não era ateu convicto, pois cria que deveria haver um Deus criador, mas mantinha a crença em um criador inespecífico, impressionando-se com a beleza, desígnio e projeto do mundo vivo. Graduou-se e fez pós-graduação na área de zoologia e biologia em *Balliol College*, integrada à universidade britânica de Oxford. Em 1967 ocupou o cargo de professor adjunto de zoologia, na Universidade da Califórnia de Berkeley, ficando até 1969. Tendo recebido uma bolsa de pesquisa, retornou a Oxford como professor pela *New College* e se tornou membro permanente da Associação erudita de especialistas britânicos, conselho que reunia diferentes pesquisadores do ramo da ciência em geral (DAWKINS, 2015).

Dawkins produziu diversas obras, dentre elas: *O gene egoísta*, de 1976; *O relojoeiro cego*, de 1986; *O rio que saía do Éden*, de 1995; *A escalada do monte improvável*, de 1996; *O capelão do diabo*, de 2005; *Deus um delírio*, de 2006; *A magia da realidade*, de 2011; e, mais recentemente, *A desilusão de Deus*, de 2018. Em 2006, Dawkins fundou a *Richard Dawkins Foundation for Reason and Science*, uma fundação com o objetivo de dar suporte à educação científica e compreensão baseada em evidências do mundo natural e apoio ao ateísmo pelo mundo.

Dawkins é conhecido e se apresenta como um evolucionista convicto e ferrenho defensor de suas teses apresentadas em seus livros e artigos. Grande parte de suas pesquisas baseia-se naquilo que Charles Darwin apresentava em sua teoria da evolução sobre a seleção natural, reforçando como sendo essa “a condição de todo organismo individual se comportar ‘como se’ premeditasse com toda a consciência a melhor conduta para preservar e propagar seus genes” (DAWKINS, 2015, p. 274). Utilizando-se das teorias evolucionistas e da ciência, ataca os dogmas da igreja católica que retratam a origem do universo e do ser humano, definindo Darwin como “o maior herói das ciências, sendo que todo conhecimento que há hoje na biologia moderna é uma série de notas de rodapé de Darwin” (DAWKINS, 2015, p. 221).

Buscando dar um ar de cientificismo ao ateísmo, Dawkins procura distanciar a ciência da religião pressupondo que os questionamentos e dúvidas humanas têm respostas em explicações científicas e não em suposições metafísicas. Enfatiza a superioridade da ciência sobre a religião, ideia que o encoraja a propagar publicamente o neoateísmo e seus ensinamentos.

Ele declara que o pensamento neodarwinista identifica na ciência um ideal de racionalidade e objetividade de cunho salvacionista, e que a racionalidade é um atributo da modernidade.

Assim, quanto mais a ciência evolui mais as coisas podem ser apreendidas de modo objetivo e racional, ao contrário das religiões, que se fundamentam em um conhecimento subjetivo e emocional, ocupando na ciência um lugar de fábulas infantis, de fantasia e de delírio, como algo patológico, um vírus que deve ser combatido (DAWKINS, 2005; 2006).

O pensamento de que a proposta evolucionista não se harmoniza com a dogmática religiosa sobre a existência do universo e do ser humano, e que a religião não apresenta evidências científicas é compartilhada por outro *bright* neoateu, Daniel Dennett, filósofo e escritor de obras de cunho científico e com base darwinista.

Daniel Dennett nasceu em Boston, Estados Unidos, em 28 de março de 1942. Graduiu-se em Filosofia pela Universidade de Harvard, em 1963, e doutorou-se por Oxford, em 1965, e exerce, hoje em dia, o cargo de professor e codiretor do Centro para Estudos Cognitivos da *Tufts University*. Conforme Gillilan (2008, p. 96), Dennett dedicou sua vida a estudar a consciência, a psicologia do desenvolvimento, a inteligência artificial, a teoria da evolução, a filosofia da mente, entre diversas outras áreas. Dentre suas obras destacam-se: *A ideia perigosa de Darwin* (1996); *Tipos de mente: rumo a uma compreensão da consciência* (1996); *The future of atheism: Alister MacGrath e Daniel Dennett in dialogue* (2008); e, *Science and religion: are they compatible?* (2011).

No âmbito ateu, em específico, seu livro *Quebrando o encanto: a religião como fenômeno natural*, de 2006, é considerado o mais importante, pois seu objetivo é se aprofundar nas causas naturais para o surgimento das religiões. Seu sentido realístico e significativo na sociedade atual traz uma ideia que colabora amplamente com o objetivo de esvaziar o sentido do fato religioso ou de prová-lo enquanto fenômeno natural. Dennett e Platinga (2011, p. 88) comentam que os ateus são “apenas o começo de uma nova onda de tentativas explícitas de abalar a fé das pessoas”, pela qual a luta da militância neoateia busca a cooptação de adeptos em prol de um mundo sem religião. Ou seja, não se trata de um argumento apenas contra a existência de Deus, mas algo intencional, direcionado contra a ideia de religião.

Para Dennett, o ateísmo, na roupagem em que se apresenta hoje, talvez devesse ser nomeado como antirreligiosismo, questionando principalmente a validade e os efeitos da religião na mente e na vida das pessoas e tentando convencer da necessidade de um mundo sem religião (DENNETT; PLATINGA, 2011).

A crítica atea tenta eliminar a ideia de Deus, como origem do universo. Assim como os ateus de outrora, Dennett tenta demonstrar em seus escritos que o ser humano desenvolveu a cultura do ter fé por uma necessidade natural de sobrevivência, o que levou o homem a criar Deus à sua imagem e semelhança. Apesar de tal argumentação se fazer presente também no pensamento de Dawkins, é na obra de Dennett que se percebe claramente o argumento da crença como sentimento meramente cultural. A fé enquanto cultura teria ajudado a humanidade a sair de seu passado tribal e a construir sociedades mais sofisticadas e evoluídas, próprias das religiões monoteístas

como o judaísmo, cristianismo e islamismo, sendo esse elemento de fé a única contribuição positiva a destacar da religião (DENNETT, 1996).

Tanto Dawkins quanto Dennett utilizam em seus estudos ateístas uma teoria memética de bases não empíricas, além de promover uma série de junções entre conceitos científicos e sua militância ateuista (DAWKINS, 1989, p. 88). Dennett define a transmissão da fé entre o ser humano por meio da teoria dos “memes”, com a qual os parâmetros religiosos são transmitidos como um vírus na mente dos homens, permanecendo na memória coletiva de alguns grupos.

Os “memes” são ideias que galgam de uma mente para outra e vão desde a língua que se fala até os ritos culturais, como festas e celebrações. Assim, como os vírus, essas informações culturais alcançam meios de adaptar-se ao tempo e de serem transmitidas de uma geração para outra. A religião é entendida pelo autor como um “meme” cultural prejudicial para os homens embora seja boa em reforçar os “memes” existentes dentro dela própria (DENNETT, 2006, p. 123).

Utilizando-se da teoria darwinista e da genética, os novos ateus buscam explicar questionamentos filosóficos e religiosos. Nesse caminho, Dennett afirma que alguns “memes” evoluíram de modo a criar ambientes que dificultem ou impeçam a entrada de “memes” concorrentes. No caso da religião, o raciocínio crítico é desestimulado como sendo pecado. Assim, a teoria da memética coloca a religião como um vírus que se replica de modo fácil na mente humana e necessita de um antídoto que o autor considera como sendo o raciocínio crítico. Para o autor, a crença não deve ser estudada pelo campo do sobrenatural, mas do ponto de vista das inclinações mentais e cognitivas (DENNETT, 2006). Dennett reforça a ideia de que a religião não contribui em nada para melhorar a vida do ser humano, gerando preconceito, perseguição e morte, a exemplo de seus colegas neoteus Dawkins e Hitchens; esse último apresentado na sequência.

Christopher Hitchens nasceu em 13 de abril de 1949, em Portsmouth, na Inglaterra. Formado em Filosofia pela *Balliol College* da Universidade de Oxford, escreveu para vários periódicos tendo como temas religião, arte, política, guerra e literatura. Entre seus muitos livros, o mais significativo em relação às suas ideias com respeito à religião é *Deus não é grande: como a religião envenena tudo*, de 2007. Em 1981 mudou-se para os Estados Unidos, onde morreu em 15 de dezembro de 2011, em Houston, Texas (GRIMES, 2011, p. 1).

Hitchens (2007, p. 221) afirmava que “a ideia de ser ateu é professar a crença no nada. Porém, acreditar em um deus é uma forma de expressar uma predisposição para acreditar em qualquer coisa”. Para ele, a religião não serve como parâmetro moral, já que qualquer outro segmento da vida, como a arte, também contribui para a elevação moral. A moral não necessita da religião para existir, sendo a religião dispensável em nossos dias. Assim, tendo uma percepção negativa sobre a religião e a moral religiosa militou no movimento ateuista moderno atacando a religião. Para ele, a religião foi inventada pelo homem para alimentar sua mesquinhez por poder.

Hitchens atacava as religiões por se intrometerem em áreas como a política para defesa de suas posições religiosas, quer seja na moral, na educação ou na organização do Estado, exigindo aos outros suas pretensões. Via na união das religiões com o poder político, seja ela qual fosse, uma forma sempre ilícita de se obter vantagens e era sabido que esse engajamento se deu com governantes de reputação espúria como: Stalin, Mussolini, Hitler, Sadam Hussein, entre outros. A religião aliou-se e ajudou a fortalecer sistemas de governo que cometeram terríveis assassinatos e genocídios; sobre isto, ele chegou a dizer: “Assim, aqueles que invocam a tirania ‘laica’ em con-

traste com a religião esperam que nos esqueçamos de duas coisas: a relação entre as igrejas cristãs e o fascismo, e a capitulação das igrejas ao nacionalismo-socialismo” (HITCHENS, 2007, p. 263).

Hitchens (2006a) compartilhava com Dawkins a assertiva de que Deus não é uma boa explicação das coisas, pois ele mesmo já concebe o problema da dúvida em saber quem o criou. Assim, tomando como exemplo algumas pessoas eminentes (Martin Luther King, Mahatma Gandhi), afirma que as religiões estão permeadas de interesses humanos e financeiros, não sendo possível provar que o comportamento moral elevado esteja ligado diretamente à religião, sendo que a religião existe por motivos de ordem social. Criticava, assim, as atrocidades imorais justificadas pelas religiões.

Ademais, considerava que as religiões orientais não eram melhores ou piores que as ocidentais, posto que há suborno, corrupção, crimes de toda ordem, assassinatos, monges parasitários da sociedade e apoio a regimes totalitários que estão atuantes nas religiões orientais, como estão nas ocidentais. Em suas palavras, em relação a essas religiões orientais, ele declarou: “Um credo que despreza a mente e a liberdade individual, que predica a submissão e a resignação e que considera que a vida é uma coisa tão passageira e desgraçada está mal equipado para a autocrítica” (HITCHENS, 2007, p. 182).

Considerando que as declarações metafísicas das religiões eram falsas e fonte de obscurantismo, Hitchens (2006b) atacava a revelação sustentada pelo judaísmo, cristianismo e islã, as três principais religiões monoteístas. A revelação por parte de Deus seria evidência e fonte de conhecimento para a religião, bem como para alegar sua base racional, contudo Hitchens questionava a veracidade e a moral dessas religiões, apontando seus livros como fontes indignas de confiança moral ou informacional.

Dessa forma, Hitchens (2007) aceitava a teoria da evolução por não estar baseada na fé, mas em constatações e evidências. Suas alegações não eram fundamentadas por dogmas e não solicitava às pessoas que cressem no que dizia apenas com base em sua autoridade como acadêmico, diferente do que faz a maioria das religiões no mundo.

Dos quatro *brights*, Hitchens é o único que não se utilizava de pressupostos das ciências cognitivas e argumentos neodarwinistas para defender seus pressupostos neoateus, permanecendo fiel à sua área de atuação: o jornalismo. Seu estilo agressivo e taxativo trazia referências à literatura e aos acontecimentos históricos, sempre ratificando aspectos danosos das religiões majoritárias.

Samuel B. Harris nasceu em Los Angeles em 09 de abril de 1967. A família de seu pai integrava o movimento religioso dos *quakers* e sua mãe era uma judia não praticante. Em vista de viver em um ambiente hostil à discussão sobre religião em casa, desenvolveu um grande interesse por assuntos religiosos buscando respostas e sentido de vida na filosofia. Aos 19 anos desistiu da Universidade de Stanford, depois de se envolver com o *ecstasy* e outras drogas que alteravam significativamente o estado da sua consciência. Optou por fazer viagens ao redor do mundo e estudar as religiões orientais, em especial o hinduísmo e budismo e, em seguida, se tornou budista praticante, não obstante sem dogmas. Em 1997, retornou a Stanford e completou a graduação em filosofia no ano de 2000, e um doutorado em neurociências, com um estudo sobre as diferenciações cerebrais nos estados de crença, não crença e incerteza, pela Universidade da Califórnia.

Após o atentado de 11 de setembro de 2001 começou a trabalhar em seu primeiro livro, *O fim da fé: religião, terror e o futuro da razão*, publicado em 2004, o qual se tornou um *best-seller* durante semanas nos Estados Unidos, sendo a primeira obra ateu associada diretamente ao

movimento neoateu, na qual ele enfraquece a validade das religiões. Apesar de seus anos de aprendizado espiritual como budista, ele afirma que as crenças religiosas não guardam a verdade ou fazem algum sentido, passando a defender o ceticismo científico, que não aceita qualquer argumento ou noção sem evidência apropriada (HARRIS, 2019).

Sam Harris é um dos fundadores do *Project Reason*, uma entidade sem fins lucrativos fundada em 2007 com a finalidade de promover a pesquisa, nas artes, na educação, na publicação de livros, entre outros ramos, para o pensamento crítico/analítico e não dogmático ou supersticioso e focado na difusão da ciência e valores seculares por meio de conferências, filmes e patrocínio de estudos científicos, ligados ao debate do neoateísmo (PROJECT REASON, 2017).

Em 2006, escreveu o livro: *Uma carta a uma nação cristã*, em resposta às críticas que seu primeiro livro havia recebido. Nessa obra alega que os religiosos equilibrados são também responsáveis pelo fundamentalismo religioso, pois admitem um tipo de religiosidade não coerente e não fundamentada na racionalidade, mantendo as chances abertas para qualquer forma de radicalismo praticado por religiosos fundamentalistas. Quando os religiosos, moderados ou radicais são arguidos de seus credos, acabam descobrindo que estão solidificados em uma fé irracional e nunca defendidos por um raciocínio lógico dedutivo. Tais crenças geralmente são aceitas por propostas baseadas na própria experimentação ascética de vida ou no testemunho sobrenatural de outros (HARRIS, 2007).

Em seu combate à religião, Harris procura construir uma nova cosmovisão, tanto no âmbito individual como coletivo, sendo uma espécie de reencantamento do mundo baseado nos valores da ciência. Ele se interessa por combater as crenças não verificadas ou falsificáveis, pois há aspectos na religião que se fundamentam em necessidades humanas profundas (HARRIS, 2009); seu foco é a fé.

Para Harris, as religiões têm reivindicado de seus seguidores que mantenham crenças desassociadas da razão ou da plausibilidade. Ele critica não somente as religiões radicais e fundamentalistas na forma como creem no sentido exato e absoluto de sua crença, mas vai além, criticando seus livros sagrados que corroboram essas crenças, por considerarem esses escritos como revelação e inerrância divina. Harris ataca também os religiosos equilibrados, pois para ele, os religiosos moderados, na busca incansável pela oportunidade à liberdade religiosa, acabam por tornar possível o radicalismo religioso, publicitando a ideia de que todos têm o direito a uma religião e a uma nova interpretação da crença que professam, mesmo que isso ocasione crimes praticados por radicais em virtude de interpretações obtusas.

O autor interpela contra a liberdade religiosa, afirmando que “o comedimento na religião não é uma virtude inerente a ela própria, pois no Ocidente, ela ocorre pela luta entre o pensamento moderno e a religiosidade, gerando ilícitudes e crimes em nome de Deus” (HARRIS, 2009, p. 35). No entanto, Harris não enxerga a religião em si como algo ruim, quando se entende que contém atividades que até podem se salvar e serem provadas racionalmente. Ele conclui que algumas até promovem identidade, senso de pertencimento e agrupamento de grupos e comunidades. Contudo, também reconhece que esse ponto positivo da religião não é encontrado somente nela, pois outros fatores como necessidades e interesses ambientais, sociais, políticas, entre outras, podem manter os homens coesos como sociedade (HARRIS, 2015).

Para ele, as religiões, com seu hábito místico e espiritual, revelam algo real e que deve ser levado em consideração, desde que libertadas das credices, sendo que, a espiritualidade ou misticismo devem ser fundamentados na neurociência a qual, destaca Harris (2015, p. 102), “nos permite avançar com as barreiras do nosso próprio ‘eu’”. Harris diz que acreditar em um Deus

que está no controle do ser humano, responsável por sua alegria e tristeza é não viver a maturidade que a vida exige, tirando de si a responsabilidade pelas consequências das escolhas. É muita infantilidade pensar em um Deus que assume o papel de senhor do destino da humanidade. “Na visão verdadeiramente adulta, nós decidimos se nossa vida será significativa, plena, maravilhosa ou não” (HARRIS, 2007, p. 81).

Em Dawkins e Harris percebe-se a crítica ateu de que a fé é intrinsecamente ruim e a religião é um elemento desagregador que só faz dividir os seres humanos. Para ambos, a fé religiosa impede o diálogo e faz com que, a partir de dogmatismos e fundamentalismos, a razão esteja fechada às novas evidências. Ambos concordam que é na separação radical entre religião e ciência que reside a visão verdadeira do mundo; eles não escondem o propósito de manter vivo o conflito entre razão e fé, pois é nessa tensão que reside a autenticidade entre conhecimento e ignorância, entre viver no autoengano ou na honestidade intelectual (HARRIS, 2009).

Contudo, dos quatro brights, Harris é o único que defende a tese da espiritualidade no ateísmo. Ele afirma que “enquanto não pudermos falar sobre a espiritualidade em termos racionais – reconhecendo a validade da autotranscendência – nosso mundo permanecerá dilacerado pelo dogmatismo” (HARRIS, 2015, p. 106), portanto, é de suma importância para qualquer pessoa desenvolver uma espiritualidade e que é possível fazê-lo sem passar pela crença em algum tipo de deus. A religião para o homem é essencialmente má, porém, a espiritualidade é relevante no auxílio do autoconhecimento e como ferramenta para uma vida melhor. Sendo necessária a quebra de paradigma, preconceito no meio secular e achar que a espiritualidade é de domínio da religião apenas.

O neoteísmo francês

Dos divulgadores do neoteísmo francês destacam-se Michel Onfray e André Comte-Sponville, pela sua militância em favor do ateísmo na atualidade, no contexto francês, com influência no movimento neoteísta em todo o mundo.

Michel Onfray nasceu em 1º de janeiro de 1959, na cidade de Argentan, em One, França. Estudou parte de sua infância em uma escola-orfanato católica, período que, segundo o autor, o marcou profundamente. Doutorou-se em Filosofia e lecionou na escola técnica Santa Úrsula, em Caen, entre 1983 e 2002. Contestando o ensino escolar da Filosofia, renunciou ao posto de professor e, em outubro de 2002, fundou a Universidade Popular de Caen. Em 2004, escreveu o manifesto *A comunidade filosófica*. Em 2006, criou a Universidade Popular de Argentan. Atualmente, vive em Argentan, como filósofo e sobrevive de seus direitos autorais (OLIVEIRA, 2015).

Desde 1989, Onfray já escreveu uma centena de livros, sendo que, *A arte de ter prazer: por um materialismo hedonista*; *A política do rebelde: tratado de resistência e de insubmissão*, e *o Tratado de ateologia*, são as obras em que retrata com maior clareza seu pensamento ateu (PIVA, 2007). Segundo Oliveira (2015), Michel Onfray segue uma filosofia materialista hedonista e propõe o direito do ser humano ao prazer. Em suas obras aborda temas como filosofia, política, gastronomia, pedagogia libertária, entre outros assuntos, enfatizando uma filosofia libertária, em especial quanto à experiência ateu, já que o autor considera que somente o ateu de fato é livre.

Onfray fala de um ateísmo positivo ou militante, tendo como influenciadores de seu pensamento personagens “materialistas, anticlericais, anticristãos e ateus, como La Mettrie e Marques de Sade, de revolucionários e militantes libertários como Louis Auguste Blanquy,

Proudhon e Guy Debord, e de filósofos iconoclastas como Nietzsche, Michel Foucault e Gilles Deleuze” (PIVA, 2007, p. 31). O pensamento de Onfray se aproxima muito do de Nietzsche, sobretudo no que diz respeito à crítica ao cristianismo. Ele mesmo se reconhece como um nietzscheano de esquerda, embora afirme, diferente de Nietzsche que Deus é uma ficção e, portanto, não morre (ONFRAY, 2005, p. 40).

Em sua obra, *Tratado de ateologia*, publicada em 2005, Onfray afirma que a religião é um atentado à inteligência, sinal de imaturidade psicológica e de covardia diante da realidade. A religião, para o autor, procede de uma pulsão de morte, pois rejeita tudo que é livre, racional, vivo, corpóreo. É, assim, um obstáculo à emancipação humana. Já o ateísmo não se baseia em fábulas, sendo, por isso, uma crença reconciliadora do homem com a vida. Onfray milita por uma ateologia, a qual não elimina os conceitos de bem e de mal, mas admite-os por meio do juízo da razão, sem a roupagem religiosa.

Ele afirma que a solução para a moral racional está num contrato hedonista, um pacto social fundado em novos princípios de respeito à utilidade e à felicidade do maior número de pessoas onde prevaleceria a liberdade de ação e de pensamento, desvinculada das religiões monoteístas. Assim sendo, o ateísmo autêntico é um ateísmo pós-cristão, desvinculado da tradição religiosa, especialmente a monoteísta, representada pelo judaísmo, cristianismo e islamismo (ONFRAY, 2005).

Onfray considera que os preceitos religiosos das tradições monoteístas provocam os males do mundo, porque “são direcionados para eliminar impiedosamente tudo o que resiste à sua supremacia, isto é, a razão, a inteligência, o espírito crítico, o prazer, a liberdade, a autonomia, a igualdade e, por fim, a felicidade” (PIVA, 2007, p. 32). Atacando a religião monoteísta, Onfray considera que os preceitos religiosos são dogmas absurdos, chamando a Moisés, Jesus Cristo e Maomé como “os três maiores impostores da história da humanidade” (PIVA, 2007, p. 32).

Para Onfray, o ateísmo é a solução para o futuro pós-cristão. E, por isso, ele não aceita formas brandas de ateísmo, como considera a proposta de Comte-Sponville, que Onfray chama de “ateísmo cristão” por permanecer ligado a uma moralidade cristã, conservando valores cristãos fundamentais. Ele argumenta: “Como é possível manter hábitos materialistas e de enaltecimento do corpo [...] aliada a uma moral cujo interesse final é a negação da vida em busca da salvação eterna?” (PORTUGAL; COSTA, 2010, p. 132).

Comte-Sponville, por sua vez, defende princípios materialistas aliados a uma ética cristã, mas não vê o cristianismo como religião e sim, como tradição cultural. Assim sendo, sua proposta ateu é bem diferente da de Onfray.

André Comte-Sponville nasceu em Paris, em 12 de março de 1952. Estudou na École Normale Supérieure, formando-se em Filosofia, tornando-se professor e mestre de conferências na Universidade de Panthéon-Sorbonne. Durante a infância e adolescência, recebeu educação católica, e, embora se apresente como ateu, suas obras apresentam referências ao budismo e outras religiões orientais das quais ele se diz admirador. Conforme Souza (2009), Comte-Sponville se mostra um filósofo materialista, racionalista e humanista, propondo uma metafísica materialista e uma espiritualidade sem Deus. Sua visão sobre o ateísmo é bastante diferente da visão tradicional. Para Comte-Sponville, existem duas maneiras de ser ateu, conforme explica Piva (2007, p. 30) da seguinte maneira:

uma delas é não crer em Deus, a outra, crer que Deus não existe. No primeiro caso, temos uma ausência de crença (ausência de Deus, que Comte-Sponville define como “ateísmo negativo”); já no segundo caso, temos uma crença numa ausência (negação de Deus), posição que o filósofo classifica de “ateísmo positivo ou militante”.

Dentre suas obras de origem ateu, destaca-se o livro *O espírito do ateísmo* (2006), que apresenta um aspecto diferente do ateísmo em si, inserindo a espiritualidade materialista no universo do movimento neoteu.

Na percepção de Portugal e Costa (2010), o ateísmo de Comte-Sponville se resume em quatro pontos, sendo dois negativos (desnecessidade de religiões e não existência de Deus), e dois positivos (imprescindibilidade da comunhão e da fidelidade); essas historicamente possibilitadas pela religião e pela possibilidade de viver uma espiritualidade no ateísmo, por ser a que torna os seres humanos típicos. Esses pontos, ao que parece difíceis de serem conciliados, são apresentados por Comte-Sponville numa proposta que torna ambos os lados, positivo e negativo, conciliadores entre si.

Para o filósofo, as religiões não podem ser definidas sem considerar a noção de comunidade e de grupo social. O conjunto de crenças e ritos que torna a noção de sagrado transcendente como realidade substantiva não é suficiente para uma conceituação, mas é necessário preservar o espírito de fidelidade a uma comunidade social e à comunhão. Essa unidade social criada em torno de valores e regras morais e culturais, existente nas religiões, não são exclusivas das religiões, sendo possível existir sem estar diretamente referenciada a um Deus pessoal, como postula o monoteísmo. Desse modo, ao mesmo tempo em que a religião é importante para o homem, não é imprescindível. A religião serviria para unificar e proteger a comunidade da desordem.

Sobre o temor da morte, considerado pelos ateus como um dos principais pilares das religiões, Comte-Sponville afirma que esse medo pode ser superado pela razão e não apenas pela religião, sendo que, o ateísmo conduz a uma despreocupação com a ideia metafísica do porvir e a razão ajuda a suportar e consolar-se diante da dor da perda de um ente querido. Assim, o filósofo considera a religião apenas como um “recurso importante do monoteísmo para a unidade social e manutenção da ordem diante de fatores desagregadores como a morte” (PORTUGAL; COSTA, 2010, p. 134).

Esses autores analisam o ateísmo de Comte-Sponville salientando que ele revela a possibilidade de se ter comunhão e fidelidade sem religião, assim como espiritualidade sem Deus. Comte-Sponville define Deus como um ser pessoal, mas incorpóreo, transcendente, superior e exterior à natureza, onipotente, onisciente, eterno, bom e criador do universo, uma clássica definição do teísmo metafísico. Desse modo, ele admite que somente se pode crer que Deus não existe, já que não se sabe ao certo se Ele existe ou não.

O ateísmo, assim, é percebido pelo filósofo como uma crença que, parecida com o teísmo, oferecem razões para se sustentar. De outra forma, as provas de que Deus existe são inconclusivas, faltando ao crente razões para demonstrar isso, enquanto, ao ateu, há razões para não crer em Deus, como, por exemplo, o excesso de mal que há no mundo frente a um Deus bom, poderoso e sábio; a mediocridade do ser humano frente à imagem e semelhança de Deus; o fato de a visão naturalista darwinista dar respostas sobre esses aspectos.

Nesse sentido, Comte-Sponville admite a possibilidade de se viver uma espiritualidade, já que ela é uma parte do ser humano, mas vivê-la como uma experiência, não como uma teoria baseada em fé. Essa experiência espiritual é chamada pelo filósofo de “misticismo ateu”, e se tra-

taria de “uma experiência direta do todo universal e que não deixa lugar para crença num Deus transcendente”. Desse modo, “não é preciso renunciar à espiritualidade ao se negar a religião e a crença num Deus pessoal” (PORTUGAL; COSTA, 2010, p. 137). A espiritualidade pode ser vivida sem Deus, já que é uma experiência do absoluto, como resultado da natureza e parte dela.

Considerações finais

A proposta do ateísmo, no mundo atual, confronta a ciência e a religião de modo mais acentuado, com o propósito de fortalecer a descrença em Deus e nas religiões, ao mesmo tempo em que influencia a crença no secularismo, no darwinismo e na possibilidade de viver sem Deus, embora com um propósito de comunidade e de luta contra a submissão às autoridades, em especial às religiosas.

A defesa da razão, do pensamento lógico/cognitivo, fundamentada na ciência e nas evidências científicas capazes de provar a existência ou não existência de Deus tem se propagado com maior facilidade em tempos de liberdade de expressão, de pensamento, de religião e de tecnologias que facilitam o acesso a informações às pessoas.

Apesar das diferenças entre os autores citados, a propagação do movimento ateu ganhou nova roupagem com pontos comuns que fortalecem a ideia de que as religiões se mostram más e alienantes ao homem, moralmente polêmicas, que interferem de maneira negativa na sociedade, sobretudo pelo fundamentalismo religioso; o que gera a necessidade por um Estado laico sem a interferência da religião, que possibilita uma visão crítica e científica do mundo e do homem. Os autores ainda concordam que a religião não detém o monopólio sobre a moral, os princípios e valores, esses existindo também fora dela. Quanto aos preceitos religiosos metafísicos existentes nas religiões, Hitchens e Comte-Sponville divergem dos demais, afirmando que pode haver uma crença, uma parte boa das religiões no sentido de comunhão, de certa espiritualidade ateu desligada da fé em um Deus ou em uma crença religiosa.

Considerando a biografia dos autores ateístas, observa-se um ponto em comum entre eles: todos tiveram contato na infância com uma religião tradicional, em especial cristã (em geral catolicismo), mas suas experiências foram traumáticas ou insipientes, por força do contexto familiar ou de pessoas e líderes religiosos abusivos e/ou distantes, cruéis, intolerantes ou autoritários. O fato de que os divulgadores do ateísmo tenham sido moldados sob uma “rebelião religiosa” decorrente de uma “má religiosidade” leva a refletir sobre suas conjecturas a respeito da existência de Deus. Questionam eles essa existência, Sua presença, ou refletem suas experiências com pessoas fracas, sem fé ou respeito por Deus, em sua vivência religiosa?

Nesse sentido, convém destacar que, na perspectiva do debate, o ateísmo tem sido contraditório em sua “militância” pela liberdade, pela razão e busca de provas ditas “científicas” da existência de Deus. Algumas universidades, por terem seus quadros profissionais relacionados com a crença na teoria da evolução de Charles Darwin, proibem a realização de palestras por meio das quais sejam debatidas outras visões que não a evolucionista.

Em reportagem da revista *IstoÉ*, por exemplo, físicos e matemáticos mobilizaram acadêmicos e direção de uma universidade de São Paulo contra a realização de um fórum sobre criacionismo científico, por entenderem que essa teoria criacionista nega a teoria da evolução (VERA, 2013). A teoria criacionista científica não nega a existência de Deus ou os preceitos bíblicos, buscando evidências científicas que comprovam a veracidade da Bíblia e a existência de um Deus

criador. O argumento dos evolucionistas denota atitudes discriminatórias contra a religião e o criacionismo que podem ser observadas nos argumentos ateístas, como na frase: “Que façam isso numa igreja”. Um dos palestrantes seria Rodrigo Silva, arqueólogo, historiador e cristão, que afirmou sobre a proibição: “Hoje, quem discorda de Darwin é queimado na fogueira”.

Em busca da “verdade”, os ateístas têm arrogado a si o direito de não crer na inexistência de Deus, militando contra as religiões, em especial as monoteístas. Em contrapartida, Franco (2014) questiona o caráter derogante do ateísmo frente às evidências científicas e históricas que revelam a coesão da religião com a ciência e com a natureza:

Quem autoriza a legitimidade do ateísmo sobre a religião, do ponto de vista científico? Certamente não é a própria ciência, mas os usos seletivos que se faz dela. [...] colocar o debate entre religião e ciência calcado apenas na dicotomia entre razão e superstição é um empobrecimento gigantesco do potencial deste debate (FRANCO, 2014, p. 202).

Embora o ateísmo esteja sendo propagado com diferenças conceituais, sobressai o fato de que a descrença em Deus, a crença na teoria evolucionista e em uma espiritualidade atea distante da fé tem se fortalecido, influenciando até a muitos que se professam religiosos. Enquanto alguns buscam respostas aos questionamentos humanos na razão e na ciência, exclusivamente, outros têm divulgado o ateísmo baseando-se na possibilidade de ter uma espiritualidade, uma comunidade, sem a necessidade de se ter uma religião.

Propaga-se, assim, o afastamento da religião, da fé em Deus, colocando em seu lugar o materialismo, o secularismo, o amor ao desejo próprio e felicidade, evidenciando uma visão evolucionista que vai de encontro à profecia apocalíptica: “Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é vinda a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Ap 14:7).

Diante das evidências de cumprimento profético dos eventos dos últimos dias, é relevante que se analise e reflita sobre o assunto, em vista de preparar aos que professam a fé em Deus Criador e em Jesus Cristo para estarem prontos a responder a qualquer que seja sobre a razão da sua esperança, de sua fé (cf. 1Pe 3:15), enquanto aguardam o cumprimento das profecias e da promessa de Sua vinda.

Referências

CARDOSO, M. F.; CALIXTO, J. Do ateísmo ao neoateísmo: uma breve retrospectiva histórica e suas implicações na sociedade atual. *Unitas*, v. 6, n. 2, p. 147-160, 2018.

CONCEIÇÃO, M. A. R. da. **A fé em diálogo**. Aspectos da teologia de Andrés Torres Queiruga em diálogo com o pensamento neoteu de Richard Dawkins. 2010. 142f. Dissertação (Mestrado em Teologia) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

DAWKINS, R. **A escalada do monte improvável**: uma defesa da teoria da evolução. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DAWKINS, R. **Fome de saber**: a formação de um cientista - memórias. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2015.



- DAWKINS, R. **O capelão do diabo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DENNETT, D. **Darwin's dangerous idea: evolution and the meanings of life**. London: Simon & Schuster, 1996.
- DENNETT, D.; PLATINGA, A. **Science and religion: are they compatible?** New York: Oxford University Press, 2011.
- DENNETT, D. **Quebrando o encanto: a religião como fenômeno natural**. São Paulo: Globo, 2006.
- FRANCO, C. de. **O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum**. 2014. 234f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2014.
- GILLILAN, R. Daniel Dennett. In: JOSHI, S. T. **Icons of unbelief, atheists, agnostics, and secularists**. London: Greenwood Press, 2008.
- GORDON, F. **A cidade dos brights: religião, política e ciência no movimento neoateísta**. 2011. 39f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- GRIMES, W. Christopher Hitchens, Polemicist Who Slashed All, Freely, Dies at 62. **The New York Times**, 16 de dezembro de 2011, p. 1. Disponível em: <https://nyti.ms/2Mm5WFU>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- HARRIS, S. About Sam Harris. **Sam Harris**. 2016. Disponível em: <http://bit.ly/36ImA9B>. Acesso em: 30 maio 2019.
- HARRIS, S. **A morte da fé: religião, terror e o futuro da razão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HARRIS, S. **Carta a uma nação cristã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HARRIS, S. **Despertar: um guia para a espiritualidade sem religião**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- HITCHENS, C. **Amor, pobreza e guerra**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006b.
- HITCHENS, C. **Cartas a um jovem contestador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006a.
- HITCHENS, C. **Deus não é grande: como a religião envenena tudo**. Porto Alegre: D. Quixote, 2007.
- IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. Comunicação Social, 29 de junho de 2012. Disponível em: <http://bit.ly/39LwZmW>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- JERBIALDO. Estatísticas ateístas no mundo. **Portal do ateísmo**. 30 mar. 2013. Disponível em: <http://bit.ly/3pRCIm5>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- LECOMPTE, D. **Do ateísmo ao retorno da religião: Sempre Deus?** Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Loyola, 2000.
- OLIVEIRA, R. M. da N. **O corpo em Michel Onfray**. 2015. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.



- ONFRAY, M. **Traité d'athéologie**: Physique de la Métaphysique. Paris: Grasset & Fasquelle, 2005.
- PIVA, P. J. L. **O ateísmo militante de Michel Onfray**. *Discutindo Filosofia*, São Paulo, a. 1, n. 6, p. 30 – 32, 08 jan. 2007.
- PORTUGAL, A. C.; COSTA, A. L. F. **O ateísmo francês contemporâneo**: uma comparação crítica entre Michel Onfray e André Comte-Sponville. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p.127-144, jul./set. 2010.
- PROJECT **Reason**. 2017. Disponível em: <<https://www.project-reason.org/>>. Acesso em: 02 maio 2019.
- SOUZA, V. C. de. A coragem em André Comte-Sponville e Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio**, v. 8, n. 15, p. 92 – 101, jun. 2009.
- STRACHICINI, W. **Consciência antidogmática**. Foz do Iguaçu, PR: Editares, 2020.
- THE GROWTH of atheism. **Pew Research Center**. 2019. Disponível em: <<http://pewrsr.ch/2MDl8hP>>. Acesso em: 30 mai. 2019.
- VERA, A. Deus fora da Unicamp. **IstoÉ**, n. 2293. 30 out. 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/36KiRZf>>. Acesso em: 25 jun. 2020.